

LUTA PELA BASE

BOLETIM Nº 21 01-10-2019

Preço: R\$4,00

Contato: croja.flti@gmail.com

Site: flti-ci.org / Facebook: Luta Pela Base - Croja/FLTI

Porta-voz do
Comitê Revolucionário
Operário e Juvenil pela
Auto-organização;
Aderente do
Coletivo pela Refundação
da IV Internacional - FLTI

Sobre o apoio da LIT-QI à Frente ORO Pág. 6
no Sindicato Mineiro de Huanuni, Bolívia:

Após seis meses, a LIT-QI rompe o
silêncio sobre seu apoio à frente ORO
que garantiu a militarização do distrito

Veja também: Carta aos militantes da LIT-QI

**PRIVATIZAÇÕES, ENTREGA DA AMAZÔNIA E DOS RECURSOS NATURAIS, MASSACRE
NAS FAVELAS E NO CAMPO, DESEMPREGO, REPRESSÃO, FOME E MISÉRIA ...**

NÃO SE SUPORTA MAIS! É PRECISO DERROTAR O ATAQUE DOS CAPITALISTAS!

*Devemos colocar de pé comitês de autodefesa para nos defender das forças repressivas da polícia
e dos pistoleiros e enfrentar a perseguição e os assassinatos aos lutadores operários e populares*

SÃO ELES OU NÓS! FORA BOLSONARO!



Mais de 6 mil pessoas fazem fila à procura de emprego em São Paulo

PARA CONQUISTAR A ALIANÇA OPERÁRIA E CAMPONESA:

Congresso Nacional de delegados de base da CUT, FS, CTB, CSP-Conlutas,
MST, MTST e de todas as organizações de luta

Para preparar uma luta decisiva por

PÃO, TRABALHO, TERRA E MORADIA Greve Geral!

Veja também:

Bolsonaro deu luz verde aos fazendeiros para destruir a Amazônia com incêndios intencionais

- A situação da Amazônia e uma política revolucionária para defendê-la -

Pág. 10

ARGENTINA - CHUBUT

Uma enorme sublevação dos trabalhadores comove o sul do país

A seguir publicamos a declaração editada a respeito da entrega da Amazônia e dos incêndios intencionais. Publicamos uma matéria dando conta do assunto junto com uma nota dando conta da “crise” política aberta entre o governo Bolsonaro e a União Europeia, e, finalmente, uma matéria definindo uma política revolucionária para resolver o problema da Amazônia com uma política desde a Teoria Programa da Revolução Permanente encima da questão da terra e da ruptura com o imperialismo, como questão fundamental para o programa revolucionário nas colônias e semicolônias.

Brasil, 3 de setembro de 2019

O imperialismo ianque em sua ofensiva colonizadora na América Latina avança com flexibilização, saque e super exploração e com a desculpa do incêndio querem ficar com a Amazônia

Após décadas de massacre camponês nas mãos dos pistoleiros fascistas, hoje, em acordo com o imperialismo, os banqueiros, as transnacionais do agronegócio e a oligarquia.

BOLSONARO DEU LUZ VERDE AOS FAZENDEIROS PARA DESTUIR A AMAZÔNIA COM INCÊNDIOS INTENCIONAIS

Passaram só oito meses do governo Bolsonaro-Moro-Guedes, “o chicote” de Trump e Wall Street, abre as portas aos ianques para que fiquem com a Amazônia

O imperialismo ianque, com Trump à cabeça, avança com passos firmes no seu “quintal” com a política claramente se colonização de toda América Latina. Da mão de seu “chicote”, ou seja, o governo Bolsonaro-Moro-Guedes, avança no Brasil com privatização, saque e miséria, a Boeing ficou com a Embraer, a Exxon quer a privatização da Petrobras para ficar com as riquezas de Gás e petróleo como fez a Angloamerican e as mineradoras imperialistas com a Vale, querem toda a infraestrutura do país sob seu controle e para isso devem colocar os explorados de joelhos.

Hoje a classe operária sofre 15 milhões de desempregados, 40 milhões são desempregados crônicos, 8 milhões estão sob a linha de miséria, mais de 400 explorados foram assassinados sob a militarização de Rio de Janeiro nesse ano.

Não sendo suficiente a enorme miséria que já sofre a classe operária, aproveitado os incêndios que levam adiante os fazendeiros, sob a aprovação de Bolsonaro e em acordo com os banqueiros, as transnacionais do agronegócio e a oligarquia, querem ficar com a Amazônia com a desculpa de “apagar o incêndio”.



Ontem, sob o regime do Pacto Social, durante os governos Lula-Alencar e Dilma-Temer, da mão da igreja e com a submissão da burocracia sindical, as direções do MST e da esquerda reformista, foi escondido o massacre no campo, que, aliás, sob os governos de Lula em Dilma, foram massacrados más líderes camponeses inclusive mais que Collor e FHC. CHEGA DE ESCONDER QUE NO BRASIL SE MASSACRAM MAIS DE 350 MIL EXPLORADOS NOS GOVERNOS LULA E DILMA!

Antes de que seja demasiados tarde, é preciso romper a submissão à burguesia e seu estado das centrais sindicais e dos movimentos de Sem Terra e todas as organizações de luta da classe operária e dos camponeses pobres! Hoje mais do que nunca é indispensável parar a mão dos pistoleiros fascistas no campo, que sob comando Das transnacionais e dos governos lacaios massacraram os camponeses numa verdadeira guerra

civil oculta e encoberta por todo o regime e suas instituições, e que hoje se aprofundará com a queima premeditada e pactuada da Amazônia, que antecede a entrega dessa enorme riqueza, da qual o Brasil detém mais de 60% de sua extensão.

Hoje sob o governo Bolsonaro, a quem todas as direções da classe operária e dos explorados consideraram “fascista”, não só se negaram a organizar uma luta seria contra sua ofensiva sobre os explorados do campo e da cidade, ainda seguem se negando a organizar a autodefesa armada de operários e camponeses.

Bolsonaro cumpriu suas promessas da campanha eleitoral, massacrou no campo e na cidade. As mortes no campo são diárias, e agora será militarizado. Se tomamos em conta que durante os 8 meses do governo Bolsonaro foram assassinadas mais de 400 pessoas nos bairros operários do militarizado Rio de Janeiro, não

se pode esperar menos no campo, onde inclusive já deram luz verde aos pistoleiros para portarem armamento legalmente e defender o latifúndio.

O que está em jogo aqui é a colonização aberta do Brasil por parte do imperialismo que se disputa a dentadas entre os ianques e as transnacionais da União Europeia. Essa questão não se resolve nem com pressão parlamentarária como exige o PSOL pedindo ao Ministro de Meio Ambiente que dê explicações perante a Câmara de deputados. Tampouco se defende exigindo o cumprimento dos acordos contra o aquecimento global. Muito menos será possível derrotar o plano de Bolsonaro e das transnacionais nem será salva a Amazônia da mão das frações burguesas que se vestem de “ecologistas”. Uma frente única com a burguesia “verde”, é uma aliança com os carrascos que hoje aparecem como defensores “democráticos”, “ecologistas” e “eloquentes”, mas será levada a um beco sem saída a classe operária e os camponeses pobres

Aqui está em questão não só a Amazônia, mas a derrota de todos os planos de exploração, saque e flexibilização que estão se impondo da mão de Bolsonaro-Moro-Guedes em aberto acordo com o PT, PCdoB e PDT (que não têm nada de “progressistas” nem de “aliados democráticos” dos explorados) que desde o Parlamento e das governações garantem que seja aplicado o plano do imperialismo e da patronal escravista.

A questão da Amazônia colocou ao vermelho vivo não só a cobiça dos capitalistas destruindo todos os recursos naturais e as forças produtivas a custo da miséria dos explorados, além disso colocou em questão novamente a luta por derrotar os fazendeiros e as transnacionais do Agronegócio que se cansaram de massacrar camponeses sem terra e que hoje estarão resguardados também pela casta de oficiais que se prepara para militarizar a Amazônia com as mesmas tropas que massacraram ontem no Haiti sob governo do PT-PMDB e que massacraram nas favelas do Rio de Janeiro desde a transição de Lula e Dilma até hoje.

Por conta disso, quando as potências imperialistas disputam o planeta a dentadas numa feroz guerra comercial (ver nota aparte) não tem nenhuma saída intermédia para os explorados da

mão de seus carrascos “democráticos”. Por isso é necessária e contrarrelógio a unidade das fileiras da classe operária e dos camponeses pobres, organizar a autodefesa no campo contra os petroleiros e na cidade contra a polícia e a militarização.

Estão colocadas tarefas democráticas que não foram resolvidas no Brasil semicolonial, e não serão resolvidas de forma alguma pela burguesia nativa que está atada com milhares de laços ao imperialismo. Essas tarefas são a reforma agrária baseada na expropriação da terra nas mãos das transnacionais imperialistas; e os fazendeiros e a ruptura com o imperialismo, quer dizer, a ruptura com o FMI e todos os pactos de saque que atam a nação ao imperialismo, e a expropriação sem pagamento e sob controle operária de todas as transnacionais e seus bancos.

Os únicos que têm a solução para a Amazônia e as demandas mais sentidas dos explorados são a classe operária encabeçando a aliança com os trabalhadores agrícolas, os camponeses pobres e todos os explorados da nação.

BASTA DE SUBMISSÃO E PARALISIA DAS CENTRAIS SINDICAIS E DOS MOVIMENTOS DE SEM TERRA!

E preciso derrotar o pacto do governo com o imperialismo, os banqueiros, os fazendeiros e seus pistoleiros.

Chamamos a CSP-Conlutas e as organizações combativas da CUT, CTB, FS e todas as organizações de luta para darmos esse combate impedindo que continue se depositando confiança nas instituições do regime da arqui reacionária Constituição de 1988.

Já é hora que a CUT, CTB, FS, CSP-Conlutas e do MST e todos os movimentos de luta camponesa seja chamado um Congresso Nacional de delegados da base operária e camponesa.

A tarefa mais urgente desse Congresso não será a unidade com a burguesia opositora ou ecologista, nem com a igreja que está para dividir o camponês do operário, e sim será a unidade dos de baixo, a aliança dos operários e dos camponeses pobres para derrotar os de cima.

Para isso é preciso levantar um programa claramente anti-imperialista

e de combate contra o conjunto dos exploradores e seus ataques contra os explorados, para lutar por:

- Organizar de forma urgente as autodefesas operárias e camponesas para nos defender dos pistoleiros fascistas no campo e da militarização que nos massacra nas favelas.

- Expropriação sem pagamento e sob controle dos trabalhadores agrícolas e dos camponeses pobres de todas as transnacionais do Agronegócio e de todos os latifúndios para garantir fazendas coletivas e terras produtivas para todos os camponeses pobres e conquistar alimento barato para os explorados.

- Não ao pagamento da dívida externa e ruptura com o FMI e todos os tratados de saque que amarram o Brasil ao saqueio imperialista.

- Expropriação sem pagamento e sob controle operário de todas as transnacionais imperialistas e colocá-las sob controle operário.

- E preciso preparar e conquistar a greve geral que coloque o pé no peito dos exploradores e derrote firmemente o plano escravista de flexibilização trabalhista, roubo das caixas da previdência social e destruição dos recursos naturais e do meio ambiente.

- Para defender a Embraer e a Petrobras, e preciso expropriá-las sem pagamento e nacionalizá-las novamente sob controle operário, o mesmo com a Vale e todas as privatizadas.

Essas são as primeiras demandas mínimas que motorizarão e colocarão os explorados em pé de guerra contra o ataque dos capitalistas, que sustentam todos os partidos da base governista quanto a oposição do PT, PCdoB, PDT, etc.

Não há mais tempo a perder. Hoje mais do que nunca: Para que a classe operária e os explorados vivam, o imperialismo deve morrer!

**A libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores!
O Brasil será socialista ou será colônia de Wall Streer!**

**CROJA
Aderente da FLTI**

A situação da Amazônia e uma política revolucionária para defendê-la

Durante esse ano de 2019 foram registrados mais de 75 mil focos de incêndio na região amazônica brasileira, são mais de 6.500 focos registrados no mês de agosto e mais de 300 nos três dias que se passaram do mês de setembro (segundo dados oficiais até a data que foi escrita essa matéria, NdeR) O maior foco se desenvolve na tríplice fronteira de Brasil-Bolívia-Paraguai.

Mais de 400.000 espécies de plantas, 1.300 tipos de aves e 426 tipos diferentes de mamíferos vivem na floresta tropical da Amazônia, a maior do mundo com 6,7 milhões de quilômetros quadrados. Nessa região brasileira tem uma população de mais de 20 milhões de habitantes.

O papel fundamental da Amazônia é o clima, numa relação e contraposição com o deserto do Sahara são responsáveis pelo equilibrar o clima do planeta

Isso explica a posição do G7 e dos países imperialistas que aparentam de defensores do clima e contra o aquecimento global. Por exemplo, pelo lado da Alemanha e da França e sua posição de que “Bolsonaro não cumpriu o Acordo de Paris sobre o aquecimento global”.

Mas, a Amazônia tem, além de uma enorme biodiversidade, enormes reservas de minerais, gás, petróleo e pedras preciosas. E é nisso que radica a principal intenção do imperialismo de “resguardar” a Amazônia. Por que acontecem os incêndios? Levam-se adiante queimadas de floresta quase todos os anos. Essas queimadas são feitas diretamente pelo latifúndio, pelas transnacionais do agro e das indústrias pecuárias. Inclusive no começo do mês de agosto foi feito, pelos latifundiários, um chamado para “queimar tudo”, feito dede o estado de Pará (um dos estados om mais assassinatos de dirigentes camponeses). Foi chamado de “dia do fogo”, como messianismo de pressão sobre Bolsonaro para que avançasse em liberar as queimadas.

Durante as campanhas eleitorais, Bolsonaro já aclarava que iria diminuir drasticamente os controles sobre as queimadas privilegiando abertamente o latifúndio e inclusive deixando totalmente claro que tiraria de suas terras a “todos os índios”. Também decretou a liberação do dezenas de agrotóxicos que estavam totalmente proibidos.

Todas as aldeias dos povos indígenas estiveram sob assédio contente do governo e já levou a que sejam feitas enormes marchas contra essa ofensiva (como foi em Brasília no mês passando quando se mobilizaram milhares de mulheres indígenas, NdeR) Eles são verdadeiros camponeses pobres sem terra. O MST continua inerte. As direções do proletariado separam as demandas do camponês do seu caudilho, o proletariado. Limitam-se a exigir a demarcação de terras, que não os matem e que respeitem os povos. Uma verdadeira rendição.

Com sua política de “eco-socialismo” desenvolvem a exigência de que sejam cumpridas as convenções de Paris, as leis contra o desmatamento, a demarcação de terras, leis de agrotóxicos, a defesa da Amazônia como

recurso natural, totalmente por fora de uma política de

classes. Por sua vez a burocracia continua sustentando ao governo, boicotando cada tentativa de luta seria e estrangulando as conquistas operárias fábrica por fábrica. Sua política, e também a do reformismo, foi desviar tudo para uma política de pressão e de acompanhar o calendário parlamentar para definir suas ações, que por nada são definidas pelo caminho da Greve Geral nem da luta nas ruas.

A grande questão da Amazônia é a questão da terra em sua máxima expressão e sem uma política de expropriação do imperialismo, dos latifúndio e do agronegócio, sem uma política que parta da Revolução Permanente para os países coloniais e semicoloniais, de ruptura com o imperialismo e de expropriação da terra nada será resolvido e todo acabará nas mãos da burguesia “ecologista”, isto é tanto o PT, o PDT e o PV de Marina Silva, até a burguesia alemã, francesa, Sanders e a burguesia “verde” imperialista. Pelo contrário, para nós trotskistas, hoje a questão da Amazônia coloca novamente ao vermelho vivo a alternativa entre o programa de conciliação de classes do stalinismo (que foi abraçado pela absoluta maioria das correntes renegadas do trotskismo) e a Teoria Programa da Revolução Permanente, que demonstrou total vigência e atualidade perante esse fato, que não só é pelo meio ambiente, mas pela terra e a independência nacional, quer dizer, pela reforma agrária e a ruptura com o imperialismo como tarefas democráticas fundamentais, que não se resolverão numa aliança com ao exploradores como insistem os stalinistas e os renegados do trotskismo, como vemos nas Teses Fundamentais da Revolução Permanente é definido:

“2. Para os países de desenvolvimento burguês atrasado e, em particular, para os países coloniais e semicoloniais, a teoria da revolução permanente significa que a resolução íntegra e efetiva das suas tarefas

democráticas e sua emancipação nacional somente pode ser concebida por meio da ditadura do proletariado, e com ele empunhando o poder como caudilho da nação oprimida, antes de tudo, de suas massas camponesas.

3. A questão agrária, e com ela a questão nacional, atribuem aos camponeses, que constitui esmagadora maioria da população dos países atrasados, um papel excepcional na revolução democrática. Sem a aliança

do proletariado com os camponeses, os fins da revolução democrática não só não podem ser realizados; mas nem sequer cabe colocá-los seriamente. No entanto, a aliança destas duas classes não será feita sem uma

luta implacável contra a influência da burguesia liberal-nacional.” (La Revolución Permanente - Tesis Fundamentales – ¿Qué es la Revolución Permanente?”, traduzid ao português da versão publicada

recentemente em espanhol pela Editora Rudolph Klement)

Aqui está o programa da IV Internacional que todos os reformistas querem impedir que seja tomado pela classe operária e que os renegados do trotskismo ocultaram sob sete chaves.

25 de setembro de 2019

A greve dos metalúrgicos da EMBRAER (hoje propriedade da BOEING norte-americana), de São José dos Campos e Região começou com a repressão e prisões por parte da Polícia Militar

A Polícia Militar, sob comando da BOEING, reprime o piquete de greve dos metalúrgicos da Embraer e lavou detido o diretor do sindicato Alex Cabelo, operário da GM

Na terça-feira 24 de setembro começou a greve dos operários metalúrgicos da Embraer, a maior montadora de aeronaves e satélites da América Latina, que ontem privatizou o governo Lula e que hoje Bolsonaro entregou à Boeing norte-americana.

Os operários paralisaram as três plantas do interior de São Paulo. Na manhã de hoje o piquete da planta de São José dos Campos, foi brutalmente atacado pela PM e sua tropa de choque, espancando os operários grevistas, jogando gás lacrimogêneo e finalmente levando preso o companheiro Alec Cabelo, operário da GM e diretor do Sindicato Metalúrgico de São José dos Campos, da CSP-Conlutas.

O sindicato decidiu, provisoriamente, suspender a greve. Fica claríssimo que nem o Bolsonaro e nem a BOEING estão dispostos a dar um ápice e estão dispostos a tudo na hora de impor a flexibilização trabalhista, a terceirização e cada um dos ataques terríveis que estão se impondo contra a classe operária.

Essa é a garantia para colocar em marcha a produção da Embraer

sob comando direto dos EUA e da Boeing.

Para poder derrotar a ofensiva patronal e do imperialismo e conquistar inclusive as demandas de aumentos salariais e a defesa dos convênios trabalhistas, é necessária a unidade de todos os metalúrgicos de São José dos Campos e Região, de São Paulo e a nível nacional. É indispensável redobrar o combate para poder reverter a repressão e o terror que querem nos impor a nossas greves e conseguir a imediata libertação do companheiro Alex Cabelo.

Da CSP-Conlutas e de todas as centrais sindicais é preciso conquistar os comandos de greve em todas as metalúrgicas e as centralizar Por região e nacionalmente. É necessário conquistar a greve nacional como fizeram os trabalhadores dos correios contra a privatização e se preparam a fazer os petroleiros para enfrentar a flexibilização e contra a privatização da Petrobras.

Chegou a hora de colocar de pé os metalúrgicos de todo o país. Uma greve unificada dos metalúrgicos e dos petroleiros seria a garantia indiscutível para recuperar nosso

trabalho, nosso salário e defender nossas conquistas.

Por último e o mais importante. Os operários metalúrgicos do Brasil lutam no mesmo momento que os metalúrgicos dos EUA que estão em pé de guerra contra Trump. Ai se luta, como por exemplo na greve de 45 mil operários da GM, pelas mesmas demandas que no Brasil. Eles têm a chave para o triunfo de todos os metalúrgicos, porque estão de pé no coração do imperialismo que hoje mandou seus cães de guarda para reprimir nossa greve no Brasil.

Avante com a unidade Internacional dos metalúrgicos dos EUA e do Brasil!

**Greve nacional metalúrgica!
Da CSP-CSP-Conlutas, CUT,
FS, CTB coloquemos de pé
comandos de greve unificados!**

**Liberdade imediata de Alex
Cabelo!
Fora a Boeing!
Renacionalização sem
pagamento e sob o controle dos
operários da Embraer!**

MICHEL DE DIAZ RACHELLE

51 anos

Executada em Manaus (AM)

Em julho de 2019



**Exigimos
rigorosa apuração
desse crime
e a punição dos
matadores!**

MLTI - Movimento de Luta dos Trabalhadores Independentes

APURAÇÃO IMEDIATA DAS ORGANIZAÇÕES OPERÁRIAS PERANTE O BRUTAL ASSASSINATO DA COMPANHEIRA MICHEL DE DIAZ RACHELLE, EXECUTADA EM MANAUS NO MÊS DE JULHO

TRIBUNAIS OPERÁRIOS E POPULARES PARA JULGAR E PUNIR TODOS OS RESPONSÁVEIS PELA MORTE DA COMPANHEIRA E DE TODOS OS MÁRTIRES OPERÁRIOS E POPULARES

A companheira Michel de Diaz Rachele, militava no movimento de Sem Teto da dentro da CSP-Conlutas, no Movimento de Luta dos Trabalhadores Independentes (MLTI), na cidade de Manaus (AM). No meados do ano recebeu ameaças da polícia e dos esquadrões da morte. Dias depois a companheira foi sequestrada e desapareceram ela durante meses. No mês passado foi achado o corpo da companheira junto com mais uma pessoa assassinada, ela tinha sido decapitada, seu corpo equartejado e estava com sinais de estupro.

BASTA DE MASSACRE E ASSASSINATOS CONTRA A CLASSE OPERÁRIA E OS LUTADORES SEM TETO DE MANAUS! BASTA DE FEMINICÍDIO, MORTE E PERSEGUIÇÃO ÀS MULHERES TRABALHADORAS E AS LUTADORAS!

Bolívia - Huanuni

A LIT-QI, após seis meses, quebra o silêncio sobre seu apoio à frente ORO que, da direção sindical mineira, garantiu a militarização do distrito...

Ontem, em 2008, com Pedro Montes e, recentemente, com a frente ORO ...

Mais uma vez, sobre o assunto de cobrir a burocracia colaborativa de revolucionários e combativos



Tropas da polícia militarizando as Minas de Huanuni

A assembleia geral deve ignorar e expulsar a liderança sindical e estabelecer um corpo de delegados com um mandato base, revogável e rotativo que enfrente a militarização e quebre o pacto com o governo!

OLIT-QI e a direção da CSP-Conlutas do Brasil, nas eleições do sindicato mais combativo dos trabalhadores bolivianos, colocaram suas forças para apoiar a frente da Organização Revolucionária dos Trabalhadores (ORO), mesmo com uma delegação do Brasil que estendeu um Convite público num vídeo para o Congresso de Conlutas que se realizará em breve (Facebook LIT-CI, 20/01/19). Essa frente do ORO gerou ilusões num setor importante dos mineiros de Huanuni, com a promessa de lutar pela “independência sindical” e pelo “internacionalismo proletário”. Poucos dias depois de vencer as eleições sindicais, tomou posse oficialmente de num ato colaboracionista em 18 de janeiro, com a presença do Ministro de Minas e Metalurgia, César Navarro, comandante em chefe da polícia assassina, a traiçoeira

burocracia da o COB e o FSTMB concordam posteriormente com o governo a militarização do distrito de mineração que deixou até agora cinco massacrados por disparos, outros quatro mortos por condições de exploração infra-humanas e além disso passaram acima das resoluções da assembleia geral de 15 de junho, pelas costas da base, enviaram indicações de mineiros para senadores e deputados.

Diante desses fatos, o LIT-QI ficou em silêncio por sete meses e, em 15 de julho, publicou sua declaração “Bolívia – Sindicato de Huanuni se submete ao governo e defraude sua base”. A partir daí, afirmam categoricamente que a aliança da ORO com o governo “é uma derrota para os trabalhadores da mineração”, mas como não poderia alertar a LIT e a direção do CSP-Conlutas - para os milhões de trabalhadores que influencia - que essa frente ORO ao contrário de dar independência política aos mineiros aprofundaria a submissão dos mineiros ao governo do MAS e ao estado burguês? A LIT foi enganada por um discurso de “independência sindical”?

A verdade é que a frente do ORO precisava se vestir com roupas trotskistas e de “internacionalismo proletário” que foram fornecidas pela LIT-QI com a autoridade que possui na base combativa da CSP-Conlutas. Porque todos os trabalhadores de vanguarda e, em particular, as correntes que reivindicamos o marxismo revolucionário sabem que a classe trabalhadora boliviana é historicamente moldada pelas Teses de Pulacayo, que é o programa que os trotskistas apresentaram em 1946. Por esse motivo, ninguém que não levantar o nome do trotskismo e as Teses de Pulacayo poderia pretender liderar a vanguarda mineira. A LIT em seu documento afirma que a frente ORO “reivindicou dentro da mina a herança da tese de Pulacayo”, será que isso os confundiu para apoiar a frente ORO e permanecer em silêncio por sete meses?

O papel de revestir de trotskista toda burocracia na Bolívia foi historicamente desempenhado pelo POR, com o argumento de que o problema da burocracia é ideológico e não de corrupção, dinheiro e privilégios,

e assim a base dos trabalhadores acabou sujeita a frações burguesas pintadas de “Democráticas” ou “anti-imperialista”. Agora, o LIT-QI quer fingir ter sido enganada, mas os fatos mostram que eles também têm desempenhado esse papel de apoio à burocracia colaboracionista, como veremos abaixo.

2008: No Encontro Latino-Americano Caribenho convocado pela CONLUTAS e dirigido pelo PSTU / LIT-QI, nomeou Pedro Montes como “presidente honorário”

Em julho de 2008, no calor do crash econômico global, quando avançava um assonada dos fascistas da Meia Lua e a revolução bolivariana de Morales estava em ação. O “Encontro Latino-Americano e Caribenho de Trabalhadores” (ELAC), liderado por CONLUTAS, realizado pelo PSTU / LIT-QI, foi realizado no Brasil. Participaram também líderes de centrais sindicais de mais de 20 países, como o C-Cura da Venezuela, dirigido pela UIT-QI, o Local 10 da ILWU dos portuários de Oakland (EUA), a Central Obrera Boliviana (COB). A LIT-QI apresentou esta reunião como um “Congresso Latino-Americano de Unidade dos Trabalhadores e Anti-Imperialista” convocado pelas “centrais combativas”. Foi lá que recebeu uma vestidura trotskista e foi nomeado presidente honorário Pedro Montes, prestigiado para continuar como secretário geral da COB, sendo o maior traidor da revolução boliviana de 2003 a 2005 e da vanguarda da mineira. Em resumo, esse ELAC acabou subordinando a ala esquerda do proletariado latino-americano e americano aos pés da burguesia bolivariana ao regime dos “repúblicas” que se disfarçavam de Obama.

Na Bolívia, o proletariado sofreu traições cruéis. Em agosto de 2008, no distrito de mineração se promoveram bloqueios de estradas na rota até Caihuasi reivindicando aposentadoria decente. A “ironia” disso é que o “presidente honorário” da ELAC, Pedro Montes, como esperado, acabou apoiando Evo Morales de corpo e alma, depois que ele matou os mineiros de Huanuni com uma repressão brutal que deixou mineiros presos, os mostrados publicamente seminudos para humilhá-los, tendo vários com ferimentos a bala e dois mineiros mortos.

Já em 2010, como parte do processo

de ruptura com o governo de Morales e a burocracia do COB de Montes, os operários das fábricas de La Paz marcharam para as instalações do COB contra a mesma burocracia colaborativa de Pedro Montes lutando para recuperar a independência do sindicato para enfrentar o governo. Essa vanguarda fabril foi a vanguarda do proletariado latino-americano para derrotar os governos bolivarianos. E perante um convite da CONLUTAS (dirigido pela LIT-QI) para o Congresso da Classe Trabalhadora (CONCLAT) no Brasil aos Fabris de La Paz, uma delegação deles não duvidou em fazer a moção corajosa de “enfrentar a demagogia da Governos bolivarianos”, como Evo Morales” e “Derrotar os traidores da burocracia que os apoiam”, como foi Pedro Montes, do COB.

Infelizmente, esse congresso internacional, que foi uma continuação do ELAC em 2008, se opôs fortemente a essa moção, argumentando que “não havia necessidade de confrontar os governos bolivarianos, mas exigir que eles cumprissem o que prometeram”. Isso dissipou mais uma vez as perspectivas revolucionárias da base de trabalhadores que lutavam para tirar o colete de força da burocracia para poder enfrentar o ataque da revolução bolivariana, paralisando a luta para retomar a revolução boliviana de 2003-2005.

O POR, outro elo na mesma política do ELAC e CONCLAT

Com sua Frente Revolucionária Anti-Imperialista (FRA) para “demandar” dos bolivarianos e pintar a “burocracia da COB e FSTMB” como “socialistas” no XXXI Congresso Mineiro de 2011

Esta política do LIT-QI e suas reuniões internacionais com a burocracia e suas resoluções políticas de “exigência aos bolivarianos” também foram aplicadas pelo POR boliviano. Em 2011, no calor das revoltas dos camponeses pobres do TIPNIS e da greve geral da COB de outubro, eles acabaram legitimando e sustentando a burocracia da COB e do FSTMB no XXXI Congresso de Potosí, em setembro, afirmando que os burocratas como Miguel Pérez, Solares, entre outros, na época, “retomavam a teses socialistas da COB”, além da “nacionalização de toda a mineração”, alcançada pelas mãos do governo de Morales, e acabou

apoiando o assassino burguês do Revolução da Líbia, Khadafy, parceiro e amigo de todos os bolivarianos.

Assim, novamente as resoluções do ELAC e do CONCLAT entraram em ação, submetendo os mineiros de Huanuni a pressionar o governo bolivariano de Morales, quando as condições com a greve geral serviam para dar um duro golpe contra o ataque da “Revolução Bolivariana” .

Essa situação não terminou aí: no início de 2013, os mineiros de Huanuni recomeçaram o caminho de ruptura com o governo de Evo Morales e a burocracia. O POR, com Ronald Colque no comando, pintou a “Frente de Renovação Sindical (FRS) de Colque como “antigovernista”, e venceu as eleições sindicais levantando a bandeira da luta pela “independência sindical”. O mesmo eixo programático da Frente em ORO de David Choque! Em março, o Sindicato Mineiro de Huanuni, com Ronald Colque à frente, foi um anfitrião fervoroso da burocracia colaborativa do COB de Trujillo e de seu consultor político Jaime Solares para a fundação da enganação do Instrumento Político dos Trabalhadores (IPT), correntes como a LOR-QI / PTS, o MST da Bolívia, o PO da Argentina, o LIT-QI / Luta Socialista, iniciaram um processo de criação deste IPT juntamente com a burocracia do COB argumentando que manteria a “independência política dos trabalhadores” para enfrentar o governo de Morales nas eleições presidenciais de 2014. A burocracia da COB com Trujillo, o FSTMB com Miguel Pérez e o mesmo Ronald Colque do sindicato Huanuni usavam as roupas trotskistas que essas correntes lhe concediam, e com essa legitimidade, eles foram capazes de liderar a greve de mineração de maio de 2013 pela aposentadoria digna que terminou com uma dura derrota para os mineiros de Huanuni, que até hoje pesam sobre suas costas. Após essa facada muito dura, a burocracia cobista encabeçada por Trujillo acabou dissolvendo (no 21 de novembro de 2013 em um congresso COB) o IPT acima mencionado dentro do partido burguês MAS para apoiar publicamente a candidatura de Morales e Linera, enquanto o sindicato de Huanuni estava dirigido pelo burocrata traidor Pedro Montes que, sob chantagem, submeteu os mineiros a um pacto com o governo de Evo Morales e arrebatou



Imagem do Facebook da LIT-QI, comemorando o triunfo da Frente Oro nas eleições

todas as suas conquistas, dividindo-o do restante dos explorados na Bolívia.

Essa derrota imposta pela direção colaboracionista do COB, da FSTMB e do sindicato de Huanuni, realizada pelo POR, pela LOR-QI, pela LIT-QI, pelo PO, entre outros, não ficou impune, pois eram elos de uma mesma corrente de traições que teve como tarefa destruir a COB e fazer dela um verdadeiro adendo do MAS em 2013, liquidando seu caráter de órgão independente e de luta política dos trabalhadores e das massas exploradas contra Evo Morales, agente das transnacionais e Wall Street, retirando a dinamite dos mineiros das ruas, causando uma severa derrota à ala esquerda do proletariado: é a partir desse ponto que as lutas anteriores, como a dos operários, médicos, camponeses pobres de Achacachi, os Yungas e os estudantes, entram em combate com a ausência da vanguarda histórica dos mineiros, que se transformou em derrotas cruéis com perseguição, processos, prisão e repressões brutais. É claro que essa situação muito trágica para o proletariado boliviano não seria possível sem a “ajuda” do “presidente honorário”, Pedro Montes e do ELAC de 2008. E os fatos falam por si, o ELAC, o CONCLAT, a LIT-QI e o POR foram elos de uma política colaboracionista internacional que sempre tentava estrangular a ala esquerda do proletariado repetidas vezes.

O LIT-QI tenta aparecer como enganada, como diz na sua declaração,

diante da frente do ORO, mas os fatos mostram que essa corrente, a cada passo que a vanguarda mineira e fabril tentou dar para enfrentar a burocracia colaborativa e o governo bolivariano de Morales agiu - sob a mesma lógica do POR - como uma fachada trotskista envernizando todos os burocratas nesse caminho e colocando neles a cobertura do internacionalismo “proletário”, “combativo” e “independência política”. Aconteceu em 2008 com Montes no ELAC, onde foi nomeado presidente honorário e agora é senador do MAS de Morales; em 2010, negando aos fabris a perspectiva de lutar contra a farsa da revolução bolivariana e as burocracias colaborativas como Pedro Montes; em 2013, promovendo o IPT da burocracia cobista com Colque e Trujillo; e aconteceu recentemente com a frente ORO que, como afirmam, está “*indo ainda mais longe do que seus antecessores*”. Não pode haver erro aqui, os fatos falam por si.

O que aconteceu de novo na Bolívia não é novidade, nem é coincidência. A LIT e a direção da CSP-Conlutas apoiaram no Chile o surgimento de uma central stalinista (Central Classista dos Trabalhadores), onde os líderes estavam vestidos de “classistas” no congresso da Conlutas de 2017; o mesmo na França e na Rede Sindical Internacional, juntamente com os Solitários Sindicais Centrais da França, dirigidos pelo NPA, que apoia a burocracia stalinista, como Martínez da CGT; na África do Sul, acabaram encobrendo como “socialista” o Partido Socialista dos Trabalhadores Revolucionários, quando na verdade era castrista-estalinista.

Apelo de emergência perante a situação crítica sofrida pelos mineiros de Huanuni e pelos explorados

A LIT tem a responsabilidade de chamar os mineiros de base para expulsar a direção colaboracionista do sindicato Huanuni

Com a frente ORO, foram militarizados, trabalhadores empregados e desempregados foram divididos, foi isolada cada luta dos mineiros como de Chojilla (La Paz), a Tierra S.A. (Potosí), Totorales (Oruro), San Cristóbal (Potosí), deram as costas aos camponeses pobres dos

Yungas que foram massacrados pela polícia assassina, dando fôlego ao regime do pacto de Morales e a Meia Lua fascista, para que possam impor tranquilamente seu circo eleitoral em outubro.

Diante desta situação crítica para a classe trabalhadora se coloca na ordem do dia: Que a assembleia geral, desconheça e expulse da direção do sindicato a frente ORO e crie um corpo de delegados com um mandato de base, revogável e rotativo que enfrente a militarização e rompa o pacto com o governo! Desconheça os dirigentes como Ronald Colque, Secretário de Conflitos do Interior Mina, que sustentou a política da frente ORO! Expulsemos publicamente os ministros e senadores “operários” como Pedro Montes, verdadeiros cafetões a serviço da burguesia! Vamos recuperar o COB e o FSTMB das mãos dos masistas!

Torna-se crucial retomar a experiência e a luta de 2006, quando foi resolvida a luta entre movimento ocupado e desempregado, e do camponês, enfrentando as forças armadas e a patronal cooperativas, conquistando mais de 5000 empregos para os desempregados.

Em 2006, os mineiros demonstraram quem são os donos da mina e abriram a perspectiva de ter sob controle dos trabalhadores todo o Posokoni e o ramo de produção de mineração sem remuneração e sob controle dos trabalhadores, lutando para tornar efetivas as demandas da revolução de 2003-2005 de “Nem 30% nem 50%, nacionalização completa! Fora gringos!”

O comitê de desempregados de Huanuni deve ser fortalecido com um comitê nacional de desempregados, com voz e voto na FSTMB e na COB!

Com base nas duras derrotas dos mineiros, eles colocam a mentira de que existe cogestão das minas e isso seria um controle dos trabalhadores, mas, na realidade, é uma administração da Empresa Minera Huanuni entre a direção do sindicato que depende inteiramente do estado burguês e de seu gerente eleito diretamente pelo governo de Morales, que garante às empresas de mineração transnacionais o saque da nação com US\$ 4 bilhões por ano. Esse dinheiro é suficiente e sobra para acabar com o desemprego e conseguir todas as

demandas da classe trabalhadora! De acordo com sua política colaboracionista e de submissão ao MAS, a frente ORO nunca levantou a luta contra esse co-gerenciamento que faz com que os mineiros paguem pela crise. Eles nunca disseram que a crise seja paga pelos capitalistas! Nem levantaram a demanda de abrir os livros contábeis para demonstrar os lucros bilionários das transnacionais, nem a expropriação das empresas de mineração transnacionais sem pagamento e sob controle dos trabalhadores!

Ronald Colque, que afirma ser um membro do LIT-QI, no seu posto de Secretário de Conflitos apoiou a política colaboracionista da frente ORO no sindicato, a LIT-QI ainda se cala sobre isso e aparece espantada pelo que a frente ORO fez, mas do quê ficam surpresos se, em momento algum, essa frente levantou um programa mínimo pela democracia dos operária, que disponibilize os três primeiros postos sindicais para promover um corpo de delegados com mandato da base, revogável e rotativo quando a base o definir nas assembleias e pelo contrário o sindicato deve estar sob os estatutos burocráticos e a frente ORO teria a direção sindical por mais cinco meses! Um ano sob a égide do Estado, os capitalistas e sua sede de lucro!

A LIT-QI não pode ser desentender diante dessa situação caótica para o movimento mineiro. Eles têm a responsabilidade de colocar todas as suas forças, como as colocaram para sustentar a frente ORO, para expulsar essa direção, para enfrentar a militarização que toda semana massacra os trabalhadores e contra a farsa da cogestão.

Os trabalhadores combativos da CSP-Conlutas com certeza não deixarão passar mais um minuto desse massacre aos trabalhadores bolivianos e às políticas colaboracionistas que ajoelham a base dos trabalhadores aos nossos carrascos.

**Liga Socialista de Trabalhadores
Internacionalistas da Bolívia**

19 de março de 2019

Perante a militarização do distrito de mineração Huanuni, que já matou mineiros desempregados

CHAMADO AOS MILITANTES DA LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES (LIT-QI)

A LIT-QI, nas eleições do sindicato mais combativo dos trabalhadores bolivianos, colocou suas forças para apoiar a chapa da frente Organização Revolucionária dos Trabalhadores (ORO), criou ilusões em um importante setor de mineradores de Huanuni com a promessa de lutar pela “independência sindical” perante o governo e pelo “internacionalismo proletário”.

Hoje, essa frente que conquistou a diretoria do sindicato de maneira lamentável acabou por ser uma impostura e uma farsa à base dos mineiros. Assim que assumiu a diretoria, impuseram uma política de colaboração de classe num acordo com o governo, a polícia e as Forças Armadas assassinas, a militarização da Empresa de Mineração Huanuni, que recentemente massacrou quatro mineiros desempregados com a desculpa de “combater” o *jukeo* (nome usado para se referir ao roubo do minério).

Sob essa direção, hoje está sendo estabelecida a divisão entre os mineiros assalariados e os desempregados, criando as condições para um confronto entre trabalhadores e, além disso, as instituições assassinas do Estado continuam massacrando os trabalhadores.

Companheiros da LIT, essa nova diretoria do sindicato, que vocês apoiaram, se voltou contra os trabalhadores e contra vocês, a LIT não pode permitir.

Diante dessa situação crítica, chamamos vocês, companheiros da LIT, a organizarmos, com a base dos mineiros, uma ofensiva conjunta contra nova estafa contra os mineiros bolivianos. Acreditamos que uma denúncia da LIT chamando a desconhecer essa nova diretoria burocrática e colaboracionista – que permitiram o ingresso da polícia e das Forças Armadas assassinas - seria um grande passo adiante para evitar novos massacres do movimento operário boliviano. Consideramos urgente convocar uma Assembleia Geral da base para desconhecer imediatamente a atual diretoria do sindicato, seu acordo de militarização com o governo e eleger com a democracia direta uma nova diretoria baseada nos corpos de delegados com mandato, revogável e rotativo, quando a base decidir.

Vocês têm a palavra.

Liga Socialista dos Trabalhadores Internacionalistas da Bolívia
Democracia Obrera Bolívia

Reproduzimos a seguir a declaração do mês de setembro, da LOI-QI - Democracia Obrera da Argentina, a respeito dos acontecimentos da luta dos trabalhadores da educação e do funcionalismo público na província patagônica de Chubut, que vem comovendo o sul do país com enormes combates contra o governo e as transnacionais

ARGENTINA - CHUBUT

Diante do saque das petrolíferas e das transnacionais, Macri, e o odiado governador peronista Arcioni, apoiado pelo F-F, e a burocracia sindical de Ávila e Llugdar

Uma enorme sublevação dos trabalhadores comove o sul do país

LUGAR AO CHUBUTAZO!!

Apresentamos nestas páginas distintas declarações, entrevistas e proclamações que mostram dia após dia o enorme combate que se desenvolve em Chubut. Mais de 50 dias de luta por parte dos docentes e trabalhadores estatais, ganharam a simpatia do conjunto dos trabalhadores e explorados e eles tem se unificado em ações de luta comum com os operários petroleiros, caminhoneiros, da construção e municipais.

Em Chubut se enfrenta o enorme saqueio dos monopólios, fundamentalmente das petrolíferas imperialistas como Pan American Energy (British Petroleum), CAPSA e Tecpetrol (Grupo Techint), mas também da patronal do alumínio como a de Madanes de Aluar e a enorme depredação das pescarias em toda costa providencial desde Madryn até Comodoro de Rivadavia.

A província vivencia uma enorme onda de sublevação das massas que tem deixado o governo de Arcioni pendurado por um fio. Os professores e estatais em Comodoro e Sarmiento vem de parar a produção petroleira fazendo dezenas de piquetes nos ingressos nas jazidas; em Madryn, Trelew e na cordilheira cortaram as rotas, enquanto os estudantes de distintas cidades da província ocupam pacificamente as escolas secundárias.

Em Chubut se rompeu o pacto social da burocracia sindical e obrigou inclusive os líderes dos sindicatos estaduais a criar o MUS (Mesa de Unidadede Sindical) diante do levantamento de toda base que já ganhava as ruas e rotas de forma unificada ante ao ataque do governo.

Para tentar interromper a luta, em 16 de agosto, a polícia prendeu Murphy e Stoyanoff (dirigentes do sindicato de professores de Comodoro) no piquete



A Casa de Governo da província de Chubut: incendiada pelos trabalhadores após a morte de duas professoras que voltavam da manifestação em Rawson, capital da província

da rota 3 e 26 em Comodoro e a justiça enviou a ordem para desocupar todas as rotas. Longe de recuar, os trabalhadores se multiplicaram nos cortes e os petroleiros se juntaram à luta. Em oito horas, eles libertaram os dirigentes do sindicato ATECh em Comodoro e a unidade conquistada nas ruas não pode ser dissolvida pelo Estado.

Os piquetes uniam as empresas estatais aos petroleiros que vinham sendo ameaçados de demissões, cortes salariais e suspensões. A burocracia responsabilizou os professores por “impedir” os petroleiros de chegarem aos campos, mas a base não entrou nessa chantagem e, em vez disso, juntou-se aos piquetes e colaborou nos elementos necessários para passar o dia e a noite. O fato é que a burocracia dos petroleiros em Chubut, assim como fizeram em Vidal, Santa Cruz, Pereyra de Neuquén e Río Negro, entregou abertamente a convenção petroleira em 2016 e agora eles estão se preparando para aprofundar a flexibilização trabalhista e o plano de demissões e suspensões que pretendem impor para as operadoras de petróleo.

Por isso, o ataque dos pistoleiros de Ávila e Llugdar dos burocratas dos sindicatos de petroleiros e jerárquicos no bloqueio das estradas 3 e 26, em 4 de setembro, tentou desmembrar a força das unidades estatais com os petroleiros por ordem do Pan American e do governo repressor assassino de Arcioni. Durante quatro dias, a burocracia dos petroleiros manteve a rotatória das rotas 3 e 26 com seus pistoleiros e hoje deu lugar à polícia e à infantaria para proteger o território onde estavam os professores e estatais ontem enfrentando os saques e roubos da província. Ali mesmo, na rotatória, o ministro do Gabinete de Chubut, Massoni, pretende instalar um destacamento permanente da polícia para que as rotas nunca sejam cortadas novamente.

Depois de deixar os professores de Chubut em paz por mais de um mês, o CTERA foi forçado a convocar a greve nacional. **Uma enorme greve nacional ocorreu em 5 de setembro** em repúdio generalizado dos trabalhadores e todo o movimento trabalhista percorreu todo o país, demonstrando que é a ordem do dia seguir o caminho de Chubutazo em todo o país. Os caminhoneiros,

os trabalhadores da UOCRA (que trabalham principalmente nos campos) e os trabalhadores municipais, ganham as ruas em todos os cantos da província, pararam junto com as empresas estatais. Em Comodoro, **uma mobilização histórica de mais de 50 mil pessoas** mostrou que a luta não está derrotada e que está na ordem do dia para terminar de unificar em um único combate.

Hoje, Chubut discute como recuperar a unidade e a democracia que haviam conquistado as bases nos piquetes e cortes de rotas que foram levadas a força de repressão ou diretamente elevada pela direção do MUS, como aconteceu em Sarmiento. Em várias assembleias gerais de estatais e professores, eles exigem que a liderança do MUS convoque imediatamente uma assembleia geral de delegados de toda a província, para unir todos os setores em luta em um único organismo.

Até o momento, a liderança da MUS a impede, mas a base não para de conquistá-la, pois vê que serão

criadas novamente as condições para convocar todos os trabalhadores a combater e derrotar o governo de Arcioni.

É hora de conquistar um corpo unificado de autodeterminação e democracia direta, que representa todas as massas em luta, superando os traidores da burocracia sindical.

O poder dos que estão abaixo deve ser posto em pé, já que apenas um governo provisório revolucionário, baseado nas organizações das massas em luta, poderá tirar a província da falência e terminar com os saques, expropriando sem pagamento e sob controle dos trabalhadores ao grupo de companhias de petróleo e monopólios e fazendo de Chubut um bastião do combate dos trabalhadores e explorados de todo o país.

As organizações que compõem a FITU ainda não colocaram todas as suas forças para romper o isolamento de Chubut imposto pela burocracia sindical e de piquetes. Pelo contrário, eles estão em campanha eleitoral, mas

ainda não colocaram seus espaços no rádio e na televisão a serviço de Chubutazo e para estender essa luta heroica a todo o país. Centenas de trabalhadores e jovens militantes simpatizam com o FIT-U e votaram na PASO, onde o colega Daniel Ruiz é um dos candidatos a deputado nacional.

Não podemos perder mais um minuto, temos que quebrar o isolamento em que Chubut está.

Mais de um mês de enorme luta política dos trabalhadores contra o governo de Macri, o governador peronista Arcioni e as companhias imperialistas de petróleo.

Pelos salários devidos e pelas obras sociais paralisadas, as ruas são cortadas, as escolas são tomadas e os trabalhadores ganham as ruas.

Com os piquetes de grevistas e assembleias populares arrancados da burocracia de Ávila, os petroleiros se rebelam e se juntam à luta.

QUE A FAÍSCA DE CHUBUT INCENDIE A ARGENTINA! LUGAR AO CHUBUTAZO!!!

Que os capitalistas paguem a Crise! Que Se vão todos! GREVE GERAL!!

Chubut é percorrido por uma enorme ação independente de massas, que ameaça a cada passo demolir a cidadela do poder e deixou o governo de Arcioni em crise aberta, à beira de ser derrotado pelas ações dos explorados.

Os professores e os estatais da província, lutando para cobrar os salários devidos, recuperar seu trabalho social e em defesa da saúde e educação públicas, há mais de um mês tiraram a tranquilidade dos exploradores.

Os piquetes dos trabalhadores em luta arrastaram os trabalhadores do petróleo para o combate. A base petrolífera se recusou a subir para os poços, contra a burocracia de ovelhas de Ávila (Sindicato de Petroleiros de Base) e Llugdar

(Sindicato Hierárquico). Essa greve dos petroleiros colocou Chubutazo em pé. Para os trabalhadores que fazem funcionar os poços de petróleo, uma das maiores riquezas da Argentina, são saqueados por todas as empresas de petróleo.

Enquanto os governadores das províncias de petróleo negociam com Macri, os FF e os juízes negociam com o aluguel do petróleo, os trabalhadores em luta de Chubut procuram o dinheiro extraído lá com o sacrifício dos trabalhadores, para reabrir as escolas, fazer funcionar os hospitais e todos os organismos públicos.

A greve geral dos trabalhadores, que são os que fazem a província funcionar, levanta quem realmente manda em Chubut: se o governo de Arcioni, sustentado pelo gorila Macri,

grandes empresas petrolíferas como a Pan American, Tecpetrol (Techint Group) e YPF e a burocracia sindical traidora; ou os trabalhadores e o povo pobres.

O governo de Arcioni, os políticos patronais, as burocracias sindicais e o estado repressivo, todos sob o comando dos diretórios das transnacionais, perderam o controle da classe trabalhadora e as massas exploradas sublevam-se na província.

Por mais de 30 dias, as direções dos sindicatos nacionais, como CTERA, ATE e os outros que vêm dando trégua e paz social ao governo Macri em falência, deixaram essa luta enorme isolada, quando, na realidade, as demandas dos trabalhadores de Chubut eles são os de toda a classe trabalhadora da Argentina.

A burocracia sindical de Arcioni, as empresas petrolíferas, Macri e Fernández tentaram quebrar, com tiros e repressão, a heroica luta dos trabalhadores de Chubut

O isolamento a nível nacional da luta de Chubut pela traição da burocracia sindical permitiu que a burguesia, os diretórios das empresas, o governo

de Arcioni (sócio de Fernández), supervisionado por Bullrich e Macri, começassem a preparar e Organize um golpe e um escarmento aos

professores e funcionários do estado, a vanguarda da luta na província. Foi necessário atacar o coração do combate que uniu os trabalhadores do

Argentina

petróleo com o resto dos trabalhadores em luta.

Antes disso, a burocracia de Ávila e Llugdar, juntamente com o Ministério do Trabalho, impôs uma conciliação obrigatória para impedir que os petroleiros parassem nos dias 28 e 29 de agosto com professores e estatais, como a base havia votado na assembleia. Mas eles falharam.

No piquete da Rota 3 e 26 e 3 e 39 de

Comodoro Rivadavia eles pararam os coletivos e vans dos trabalhadores do petróleo que confraternizaram com os trabalhadores em luta e se recusaram a ir até os poços. Eles ficaram com os professores e os professores que educam seus filhos.

Diante disso, o governo preparou uma ação exemplar para esmagar os piquetes de 3 e 26, o coração de Chubutazo. Esse piquete foi atacado

nas primeiras horas de hoje com tiros e paus por uma banda de pistoleiros da burocracia sindical corrupta de Ávila e Llugdar, pagos pelas companhias de petróleo, enquanto a polícia liberava a área.

Essa é a burocracia que entregou o contrato de petróleo em 2016 e permitiu que Daniel Ruiz, um ex-delegado do petróleo demitido e preso por combater a Reforma da Previdência em 18 de

Uma grande resposta da classe trabalhadora e do povo de Chubut contra o ataque da burocracia de armas, o governo, sua polícia e os CEOs das empresas de petróleo

Mais de 50 mil professores, trabalhadores do estado, caminhoneiros, UOCRA, desempregados, estudantes de escolas e universidades e milhares de trabalhadores da base de petróleo foram mobilizados hoje, 9/4, em Comodoro, a partir dos bairros operários e populares. Os trabalhadores e as pessoas pobres ganharam as ruas em toda a província. **“Andate Arcioni” já está pixado em todas as ruas de Chubut.**

Amanhã, 5/9, toda a província parará, em uma greve ativa que na realidade começou hoje de madrugada, quando atingiram o primeiro professor no

piquete da Rota 3 e 26.

Contra a expulsão do piquete aos tiros, hoje em uma marcha de massa com milhares nas ruas, discutem e se reorganizam as forças dos trabalhadores para retomar o controle das rotas. São eles, as companhias imperialistas de petróleo, seu governo e seus parceiros capitalistas; ou nós, trabalhadores conquistando trabalho e salário, fazendo com que os capitalistas paguem as crises e os inimigos do povo.

O Chubutazo se levanta e as direções sindicais do “pacto social”, que sustentam o governo e ao dólar em US \$ 60 de Macri e Fernández, eles

não podem olhar para o outro lado. O ódio contra pistoleiros da burocracia viaja por todo o país. É que eles, como os burocratas sem vergonha da CGT e muitos do CTA, são desprezados pela classe trabalhadora argentina. São eles que oprimem o movimento trabalhista para garantir os lucros aos capitalistas.

A CTERA teve que convocar uma greve para amanhã, 5/9, imposta pelas bases. ATE, para 10 de setembro. O fato de terem que chamar essas medidas de luta é um mérito dos trabalhadores de Chubut e de toda a nação.

ABAIXO ARCIONI!!

Fora seu ministro do Gabinete Massoni e sua polícia assassina!

Por um governo operário e popular, baseado em piquetes e organizações de luta operária!

Eles são os que atacaram o piquete da Rota 40, em 1 de agosto de 2017, desapareceu e matou Santiago Maldonado, quando lutou com um punhado de combatentes mapuche pela liberdade de Facundo Jones Huala e contra os grandes proprietários de terras.

Mas agora somos milhares. E faremos justiça por nosso salário, por nossas famílias e por Santiago Maldonado.

Esta é a maneira para conseguir a liberdade de Daniel Ruiz, a absolvição dos petroleiros de Las Heras, que foram condenados a prisão perpétua e prisão pelo único “crime” de combater o imposto sobre salários e por “trabalho igual, salário igual” e acabar com a perseguição de todos os trabalhadores e combatentes populares presos e processados.

É necessário por de pé o poder dos trabalhadores e do povo pobre

Devemos acabar com essa

democracia para os ricos e conquistar a democracia dos de baixo, da grande maioria do povo.

Devemos começar **coordenar e centralizar todos os sindicatos e organizações trabalhistas e os explorados na luta**, que hoje conquistaram as ruas de Chubut aos

milhares.

Uma Assembleia Geral deve ser criada com delegados de base mandatados por todos os sindicatos em luta, dos estudantes, assembleias de bairro, comitês de desempregados. Tal organismo teria toda a autoridade para desarmar a polícia assassina,



Macri e Arcioni, governador de Chubut

os homens armados da burocracia sindical, servos das transnacionais, para acabar com o governo de Arcioni e recuperar o petróleo argentino para a nação oprimida, expropriando toda a indústria petrolífera.

Hoje os petroleiros de Chubut, oprimidos por aqueles traidores da burocracia sindicalistas que fizeram o acordo, sentem o calor da luta da grande maioria dos trabalhadores. Juntamente com eles, eles criarão esse

piquete de carneiros e quebradores de greve da burocracia do petróleo, que é afixada às 3 e 26 e voltarão a colocar as rotas e ruas sob comando dos trabalhadores.

Para fazer isso, vamos criar um Comitê de Autodefesa de todas as organizações de trabalhadores em luta.

Não podemos permitir um novo massacre de trabalhadores na Patagônia. O povo não merece tanta

miséria e fome em uma das províncias mais ricas da nação, tendo “ouro preto” sob seus pés. Existem riquezas para saúde, educação e trabalho decente para todos, que conquistaremos impondo um governo provisório revolucionário operário e popular, baseados nas organizações de massa em luta em toda a província, que é um bastião da luta revolucionária de todos os explorados da nação contra os capitalistas.

Lugar ao Chubutazo!

Devemos abrir o caminho para um argentinazo triunfante!!

O governo de Macri, sustentado pelos F-F burocracia sindical, o imperialismo e os capitalistas estão jogando todo o crac para aos trabalhadores e os explorados. Hoje em Chubut, se joga uma das principais batalhas de todo o movimento trabalhista do país é disputada para que a crise seja paga pelos capitalistas, pelos banqueiros e pela oligarquia, que foi o que causou. O destino do combate aos explorados de Chubut definirá em grande parte como ficará o campo de batalha para os trabalhadores de toda a nação.

As condições que motorizaram a luta de Chubut são os que sofrem todo o movimento operário e os explorados do país, que sofrem uma verdadeira

guerra dos capitalistas e de seu governo, com desvalorização e roubo de salário, demissões generalizadas, 50% das máquinas pararam e fome generalizada, enquanto as reservas e riquezas do país são esvaziadas e saqueadas pelos banqueiros do FMI e de Wall Street, deixando províncias destruídas.

Se hoje a luta dos trabalhadores de Chubut não foi generalizada em todo o país, é responsabilidade absoluta da traição à burocracia sindical.

Nas ruas e rotas de Chubut, se combate a burocracia do petróleo, que foi a primeira a entregar o acordo para impor a mais feroz flexibilização trabalhista aos trabalhadores

do petróleo, que perderam suas conquistas e milhares de empregos. Este é o “pacto social” com o qual eles apoiam o governo Macri e que os Fernández vêm para aprofundar os ataques. Romper o isolamento dos trabalhadores de Chubut é a mesma luta contra esse infame “pacto social” por salários e acordos, contra demissões e flexibilidade do trabalho. Esta é a maneira de enfrentar a farsa eleitoral dos partidos dos patronais, do FMI e dos capitalistas e derrotar a ofensiva dos exploradores, retornando ao caminho do combate revolucionário de 18 de dezembro de 2017 e 2001.

ABAIXO A BUROCRACIA SINDICAL E SEU PACTO SOCIAL INFAME!!

Por comitês de autodefesa para nos defendermos dos seus pistoleiros fura greves e da repressão
**É PRECISO UNIR TOOS OS QUE ESTÃO LUTANDO
 TODOS PARA CHUBUT!!**

COORDENAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM LUTA, O SINDICALISMO COMBATIVO E O MOVIMENTO PIQUETERO!!

Esta tarefa está na ordem do dia. Isso é demonstrado pela greve de professores e trabalhadores estatais imposto pela base nacional, a greve da indústria do azeite, a luta do metrô, as mobilizações dos trabalhadores desempregados, etc. Que a greve convocada pela CTERA para 5/9 e a greve da ATE em 10/9 seja o começo de um plano de luta nacional para conquistar a Greve Geral!

No FIT-U, eles dirigem dezenas de filiais sindicais, comissões internas e centros de estudantes em todo o país. Mas, lamentavelmente, o FIT-U ainda não colocou todas as suas forças para quebrar o isolamento dos trabalhadores de Chubut e generalizar sua luta em nível nacional.

Sobram condições e predisposição para a luta para coordenar em nível

nacional aqueles que estão lutando. A burocracia sindical nos faz lutar setor por setor, para que o governo e a patronal derrotem cada luta dos trabalhadores separadamente. Não podemos continuar lutando divididos. Temos que enfrentar juntos o miserável “pacto social” que os traidores da burocracia sindical fizeram com Macri e o que farão com o F-F para continuar a entregar o salário, acordos e empregos. Hoje, a esquerda levanta “avançar nas eleições” ou convoca para se reunir acordos e empregos. A esquerda hoje propõe “avançar as eleições” ou pede uma reunião de emergência do Parlamento burguês, quando as leis contra os trabalhadores sempre saem dessa caverna de bandidos. O combate para derrotar o governo, o ataque dos capitalistas

e a armadilha eleitoral está nas ruas, nos piquetes e na coordenação e reagrupamento dos trabalhadores que estão lutando para quebrar o muro que levantou a burocracia sindical e seus pistoleiros para cercar as lutas dos trabalhadores.

Não há tempo a perder! As forças das comissões internas arrancadas da burocracia, da SUTNA, dos oponentes de Suteba de Baradel e das federações universitárias e centros de estudantes combativos devem ser colocadas a serviço da união de todos os setores que estão lutando em todo o país e de outros países. coordene sua luta com os trabalhadores de Chubut. Que a direção do Sindicalismo Combativo ponha todas as suas forças a serviço da conquista deste Coordenador Nacional da Luta.

OS TRABALHADORES DE CHUBUT MARCAM O CAMINHO!

Devemos derrotar a armadilha eleitoral dos capitalistas que oculta um ataque feroz às conquistas dos trabalhadores

Assembleias, piquetes e GREVE GERAL!

Fora Macri! Que se vão todos!

Por uma saída operaria à crise!

Desconhecimento acordos da burocracia sindical que entrega o salário e as convenções trabalhistas!

Chega de burocracia piqueteira que leva os desempregados a mendigar esmolas!

Trabalho digno para todos! Redução da jornada de trabalho e um turno a mais em todas as fabricas sem redução salarial para que todas as mãos disponíveis possam produzir!!

Temos que colocar a produzir as máquinas que os capitalistas pararam! Nacionalização sem pagamento e sob controle dos trabalhadores de

qualquer fábrica que fecha, suspende ou despida!

Chega de alto custo de vida e roubo de salários! Salário mínimo de US \$ 60.000, vital e móvel indexado com cláusula de gatilho! Para obter comida barata para todos: Eliminação do IVA! Expropriação sem pagamento da oligarquia, grandes supermercados e toda a cadeia de intermediários da comercialização de alimentos e bens de consumo básicos!

Por comitês de controle de preços e suprimentos organizados pelos sindicatos e pelo movimento de

piquetes!

Renacionalizarão sem pagamento e sob controle dos trabalhadores de toda a indústria do petróleo! Impostos progressivos sobre grandes fortunas!

Abertura dos livros de contabilidade de todos os ramos da indústria para demonstrar os superlucros dos capitalistas! Abaixo o segredo comercial! Devemos romper com o FMI e desapropriar sem pagamento e sob controle operário os bancos, as transnacionais imperialistas e os capitalistas!

A ARGENTINA SERÁ SOCIALISTA OU SERÁ COLÔNIA DE WALL STREET!!

COMO NÃO TEM DINHEIRO?

BASTA DE FARSA! O DINHEIRO ESTÁ LÁ!!

AS PETROLEIAS O GOVERNO E O FMI QUE O LEVAM!!

Segundo relatos do governo e do Ministério da Energia (<https://www.se.gov.ar>), em Chubut, de junho a janeiro deste ano, foram extraídos 27.300.000 bbls (barris de petróleo). Com um preço médio de um barril de petróleo a 60 dólares, o aluguel do petróleo nos dá uma soma de US \$ 1.638 milhões. Sim, essa é a renda total do petróleo, esse é o negócio que as empresas de petróleo que vivem da pilhagem de nossa riqueza fazem.

Se fizermos um cálculo simples, apenas para o petróleo extraído, e com base nos mesmos dados, entramos na província US \$ 196 milhões em royalties (12%). Considerando \$ 45 o dólar, que é o valor antes das PASO (eleições primárias, NdeT) é de quase 9 bilhões de pesos, apenas com royalties do petróleo.

De acordo com o jornal LA NACION, a receita atual do período de janeiro a maio de 2019 da província foi de US \$ 29.489 milhões, 81,7% superior ao mesmo período do ano anterior, que foi de US \$ 16.228 milhões.

Os relatórios do governo provincial mostram um endividamento crescente

e pedem aos trabalhadores estatais um “gesto de grandeza e retorno à sala de aula”, quando estão sem receber seus salários, sem assistência social, com a infraestrutura de educação e saúde

em situação extrema, na província com a 3ª economia do país.

**LOI-QI / Democracia Obrera
Setembro de 2019**

Facsimile do jornal Democracia Obrera de Setembro de 2019

Veja essa e outras matérias no Site:
www.democraciaobrero.org

- Síria -

8 de setembro de 2019

Uma nação dividida ocupada e um povo atormentado e faminto.

A Turquia sitia Idlib; Assad e Putin massacram em todos os lugares; HTS desorganiza a resistência e concorda com assassinos do povo sírio.

**A “Operação Extermínio Final”
está sendo lançada**
para esmagar os últimos chocalhos da revolução síria em Idlib.



A divisão da Síria sob supervisão dos EUA é aprofundada com o avanço da contra-revolução.

Com o golpe nas últimas trincheiras da revolução síria em Idlib, está sendo traçada a forma definitiva da Síria pós-revolucionária, que o imperialismo está tentando usar para resolver a vitória contra-revolucionária de Putin e Assad, que já fizeram potências imperialistas ‘trabalho sujo’. Estamos testemunhando a partição definitiva da Síria, organizada a partir das Conferências de Genebra e Astana, que reúnem EUA, Rússia, Turquia, al-Assad e até a burguesia sunita, como FSA e HTS (ex-Al Nusra) gerais que venderam todos os cidade rebelde por dentro. Mas, para conseguir isso, a contra-revolução deve resolver os últimos golpes com uma operação de extermínio final para as massas de Idlib.

Enquanto escrevemos este artigo, a Turquia está entrando com seu exército na fronteira norte da Síria, em uma ação

conjunta com as tropas dos EUA. Estes últimos estão naquela região com a Turquia para garantir os limites precisos dos territórios que Erdogan controlará. A Turquia receberá Afrin, Eufrates e as áreas da fronteira com os oleodutos usados pelas companhias imperialistas de petróleo para saquear o “ouro preto”.

Além disso, depois de serem usados como mercenários e tropas terrestres dos EUA para esmagar a revolução síria, a burguesia curda cínica e o PKK (Partido Comunista do Curdistão) e o YPG devem render as cidades fronteiriças no norte da Síria, enquanto são enviados de volta para seus países, cantões em Rojava por seus chefes. O que comanda são as 10 bases militares dos EUA. A partir daí, a segurança das empresas imperialistas de petróleo é supervisionada, como Exxon, Total, British Petroleum e Shell em torno de Raqqa, Deir ez Zor (as grandes cidades produtoras de petróleo sob controle direto dos EUA).

Assim, na Síria, o povo curdo está

longe de conquistar sua autodeterminação nacional como povo oprimido. Porque depois de ter sido usado como forças de choque com as tropas al-Assad e russas para retomar o controle de Aleppo e depois de avançar com os EUA sobre Raqa e Deir Ez Zor, o povo curdo foi submetido com cadeias duplas ao al-Assad, imperialismo americano e Erdogan na Turquia.

É assim que termina a aventura da burguesia curda e seu YPG: trancados em cantões, controlados pelas baionetas de Erdogan nas fronteiras e nos EUA por dentro, como vimos. Ele destrói a mentira e o engano visíveis dos esquerdistas e anarquistas de que em Rojava havia “comunas socialistas democráticas”. Essa é a mesma mentira que o sionismo vendeu por anos quando eles falaram sobre o kibutz “socialista”. É evidente que o imperialismo conquistou como YPG e seus homônimos no Iraque - Peshmerga - como forças de choque, como o sionismo (embora em maior escala), para disciplinar as massas árabes do Magrebe e do Oriente Médio.

Síria

De acordo com a Rússia e os EUA, a Turquia já entrou em meados de 2018 na província de Idlib, cercanda-a com 12 pontos de verificação. Erdogan disse que fazia parte de “Defender o Idlib do ataque de al-Assad e da Rússia”. Uma decepção brutal, já que dizemos na época como esses pontos de verificação só funcionavam como contenção e contenção sobre as massas do Idlib e para impedi-los de avançar contra as tropas de al-Assad unificando suas brigadas e abrindo novas frentes contra o Chacal de Damasco.

Então a Turquia entrou na Síria sitiando Idlib e seguindo a rota de Afrin e da fronteira norte.

Na Síria dividida, Damasco está sob o comando do fascista al-Assad, apoiado pelas tropas do assassino Putin. Ele manterá a base militar em Tartus, como gendarme das massas da Eurásia e do Oriente Médio e ficará ao lado de al-Assad até que o último rebelde livre na Síria seja massacrado. Depois disso, os EUA e as potências imperialistas definirão seu destino. O Cachorro Bashar e Putin só fizeram seu trabalho sujo de massacrar em seu nome.

Enquanto isso, no Palácio Presidencial e no Banco Central de Damacus, começaram a discussão sobre os negócios para reconstruir as cidades destruídas da Síria. A gangue de Al-Assad já levou casas e pequenas produções agrícolas de mais de 15 milhões de sírios, que foram forçadas a fugir para as fronteiras quando suas cidades foram destruídas pelas bombas do cachorro e pelos mísseis da Força Aérea Russa. O que al-Assad faz roubando terras e casas é o que o sionismo fez com o povo da Palestina.

A burguesia de Al-Assad é a dos ladrões, predadores, mercenários. Eles querem obter o saque das massas por contra-revolução. Mas não há dúvida de que o grande negócio para reconstruir a Síria é e será para os EUA e seus aliados circunstanciais da Europa imperialista de Maastricht. Já vimos como a BP, a Shell, a Exxon e a Total mantiveram os campos de petróleo e obterão a maior parte da reconstrução dessa Síria dividida sempre que o imperialismo decidir e isso se tornar um negócio lucrativo.

Mas antes de compartilhar o saque, as forças contra-revolucionárias devem concluir seu trabalho sujo. Eles devem esmagar a resistência heróica das massas em Idlib e dos explorados que se revoltam na retaguarda de al-Assad, devido à fome e desespero. Isso aconteceu em Daraa (veja o quadro). Os trabalhadores sírios

ganham 90 dólares por mais de 280 horas de trabalho por mês (12 por dia), quando precisam de pelo menos 700 dólares para sobreviver. Os distritos de trabalho recebem salários de fome, como os refugiados que trabalham como força de trabalho escrava na Jordânia, Líbano e Turquia ... Eles, com suas remessas, apoiam milhões de sírios famintos.

É isso que os EUA, seus assassinos e agentes na “pax” síria significa: uma nação ocupada dividida e um povo atormentado e faminto.

Idlib: a última trincheira da revolução ainda não caiu. Agora, o HTS deve entregá-lo de dentro.

Em Idlib, há bombardeios aéreos todos os dias em centros urbanos, mercados e casas nas cidades desta província. O ataque está concentrado na área sul da província, onde esses exércitos fascistas cercaram com artilharia, mísseis, morteiros, tanques e canhões sitiados. Essa é a devastação que as famílias tiveram que deixar suas casas e ficaram deslocadas na Síria, procurando abrigo sob as árvores, uma vez que não existem tendas disponíveis nos campos nas fronteiras.

Com base na destruição maciça, a infantaria russa e al-Assad lançou um ataque sobre o sul de Idlib. Eles conseguiram passar por várias cidades, ganhando controle sobre os que estavam nas mãos dos rebeldes no Norte Hama, como Kafr Zeta, Latamneh ou Tal Melah. Em Idlib, várias cidades foram perdidas nas mãos das forças fascistas, mas principalmente a cidade de Khan Sheikhoun, a quarta maior cidade de Idlib. O massacre continua. Agora eles se concentram em Kafranbel e seus subúrbios. De Khan Sheikhoun, essas forças fascistas querem avançar em direção à capital de Idlib. Al-Assad e Putin estão realizando uma verdadeira operação de extermínio para afogar em sangue o que resta da revolução síria.

Como dissemos antes, enquanto al-Assad e Putin estão atacando, a Turquia sitia Idlib. Fechou as fronteiras; seu exército atira em quem estiver tentando sair de Idlib. Ele estabeleceu 12 postos de controle em torno da província e, precisamente, as forças fascistas de al-Assad e Putin penetram nesses postos de controle.

De dentro do Idlib, o HTS já começou a desarmar as massas com a ameaça imposta por bombardeios maciços da Rússia e do cão Bashar. Esse é o pacto que fez a covarde burguesia sunita algumas semanas

atrás, com Erdogan e os EUA na Turquia.

O imperialismo usou todos os seus agentes contra a revolução síria, incluindo a esquerda pró-imperialista que isolou os sírios oprimidos da classe trabalhadora mundial.

Olhando para o processo de imposição do avanço da contra-revolução na Síria hoje, podemos ver clara e ordenadamente os verdadeiros contornos da política contra-revolucionária stalinista, renegados do trotskismo e outros social-imperialistas, que apoiavam abertamente o fascista al-Assad e Putin. Eles estiveram com eles na Síria e internacionalmente em um campo político e militar comum. Eles alegaram que o cachorro Bashar e Putin “enfrentaram os EUA, a Turquia e a OTAN”.

Basta ver como al-Assad, Putin, Turquia, Estados Unidos e a ONU como um todo hoje vão abater as últimas trincheiras da revolução em Idlib, de modo que toda a infâmia, mentira e ignomente as lideranças traidoras da classe trabalhadora mundial usada para deixar isoladas as massas da Síria entraria em colapso como um castelo de cartas. Essas lideranças têm uma mancha na testa, que permanecerá lavada historicamente, por sua traição, ou seja, por cobrirem a retaguarda da contra-revolução nessa nação no Oriente Médio.

Os patifes que cobriam as forças contra-revolucionárias do PKK e da burguesia curda, apoiados pelos mísseis da Marinha e do ar dos EUA, também serão enterrados na lama da revolução síria.

Do mesmo modo, aqueles que, falando em nome da revolução síria, submeteram os explorados à burguesia sunita, seus generais sem batalha, os comandantes do FSA e do HTS, que passaram esses anos fazendo milhões de dólares em negócios nas áreas liberadas à custa da fome do povo e do sangue dos mártires que lutaram contra al-Assad e Putin. Essas correntes abandonaram há muito tempo qualquer luta pela classe trabalhadora e pelos explorados para assumir a liderança política e militar da guerra civil contra al-Assad em suas mãos.

Os fatos teimosos mostram o que ficou claro desde o início da revolução síria. Os EUA monitoram o massacre e organizam divisões e negócios. Assad e Putin são os executores do genocídio. A Turquia



controla a burguesia sunita encarregada de realizar a revolução a partir de dentro. Este é o pacto de Genebra e Astana sob o comando do imperialismo.

Mas isso também controla a esquerda reformista que apoiou abertamente al-Assad ou levantou a teoria dos “dois demônios”, afirmando que a FSA e a HTS eram iguais a Bashar. Uma mentira cruel. Al-Assad foi quem, com Putin, esmagou as massas, enquanto os oficiais da burguesia sunita, como os da FSA ou HTS, eram os “Cavalos de Tróia” que, com seus sons de sirene, desarmavam as massas de dentro para fora. As zonas rebeldes, como acabamos de dizer. Al-Assad não manipulou ou desorganizou a resistência, mas a massacrava diretamente. A burguesia sunita foi quem desempenhou o papel perverso de dominar a revolução para entregá-la por dentro. Parafraseando Trotsky em sua luta contra a sinistra política do stalinismo na Alemanha na década de 1930 (que postulava que Hitler e a social-democracia eram a mesma coisa), aqui poderíamos dizer que hoje Bashar é quem vem atirar nas massas, enquanto HTS e FSA são os que os envenenam todos os dias. Primeiro você tem que esmagar al-Assad, e esse é o caminho para superar os limites da liderança burguesa da guerra civil.

As massas lutaram para superar e se livrar dessa liderança burguesa em uma infinidade de oportunidades nesses oito anos, como vimos recentemente em grandes mobilizações em Idlib exigindo que as brigadas se unam e as frentes se abram. Os estrategistas da teoria dos “dois demônios” condenaram essas ações em massa, que mantiveram viva a revolução de 2011/2012, acusando-as de “terroristas” e de serem “parte do ISIS”. Traidores! Juntamente com al-Assad e a burguesia sunita, eles eram e ainda são outro fator

contra-revolucionário no esmagamento da revolução síria.

Com a teoria dos “dois demônios”, a esquerda se posicionou como “neutra” e acabou deixando o massacre de Al-Assad e a burguesia sunita desorganizar e distribuir a revolução. Ou seja, a esquerda de Astana e Genebra cobriu as costas de todos os agentes da contra-revolução e reação na Síria.

Assim, toda essa esquerda acabou entrando na “frente antiterrorista” comandada por Macron, Merkel, rainha da Inglaterra, ontem Obama e hoje Trump, justificando os piores massacres às massas sírias. Essa frente “antiterrorista”, com a desculpa de “combater o ISIS”, encontrou a justificativa para atacar duramente a classe trabalhadora de seus países, como na França, Inglaterra ou nos próprios Estados Unidos.

Um grupo de stalinistas, anarquistas, ex-trotskistas e vários social-democratas conseguiu, assim, separar a classe trabalhadora mundial do planeta das heróicas massas sírias. Estes ficaram isolados e cercados para que as forças fascistas de al-Assad pudessem massacrá-los à vontade.

Sem todos esses agentes, o imperialismo nunca seria capaz de subjugar a revolução síria, que por 8 anos apresentou e ainda apresenta em seus últimos momentos uma resistência heróica aos inimigos das massas árabes e muçulmanas.

A direção burguesa da Guerra civil fechou o caminho das massas à vitória e abriu as portas para Assad e Putin para massacrarem a classe operária e os explorados

A pesar de tudo isso, após 8 anos, ainda não conseguiram tomar a totalidade da província de Idlib e sua capital. Nessas condições terríveis, as massas ganham as ruas e apresentam uma resistência feroz. Suas milícias, a expressão do mais avançado da juventude rebelde vinda de toda a Síria, já anunciaram que assim que caía a última cidade – na qual o HTS se negou a unificar as brigadas e abrir as frentes – eles abririam a retaguarda de Assad em Hama, Darra, Damasco, Daraya, Homs...

As vanguarda dos livres da Síria preparam a organização de uma resistência feroz antifascista, caso seja estrangulada definitivamente a revolução. Proclamas como essa são emitidas das frentes mais avançadas dos combates de Idlib contra as tropas invasoras. Eles e as massas ganharam as ruas na revolução de 2011, elas são as únicas que lutaram conseqüentemente contra o regime.

Para a burguesia sunita a consigna da revolução de 2011 de “que caia o regime” significava e significa a possibilidade de fazer um acordo com a burguesia alauí para fazer um governo de transição comum e partilhar os negócios. Para as massas “que caia o regime” significou e significa conquistar o pão, sair da miséria, do isolamento, do desemprego e conquistar a liberdade. Questão que significava jogar abaixo Assad em Damasco. As massas foram até aí. Não foi a valentia nem a capacidade militar de Al Assad, Putin e Trump que deixaram a resistência em pequenos focos na última trincheira, mas a traição das direções da classe operária mundial que isolou e da burguesia sunita que entregou a revolução desde dentro. A crise de direção revolucionária., Quer dizer, a superabundância de direções traidoras, foi o fator determinante das enormes derrotas acumuladas nessa grande revolução, que foi a que chegou mais longe da corrente revolucionária que sacudiu o Magreb e Oriente Médio desde o ano 2011.

A revolução síria criou em seu desenrolar e em sua fase ofensiva as premissas políticas necessárias para a luta imediata do proletariado para conquistar o poder. Foi a traição de suas direções, a cobardia e o cinismo miserável da burguesia sunita que entregou desde dentro, as tradições de conciliação e pacifismo que ela impôs sobre as massas para submetê-las, que fechou o caminho da vitória. A contribuição da esquerda reformista mundial que sustentou Al Assad e Putin, que conciliou com a direção contrarrevolucionária stalinista do povo curdo que cercou e atacou as massas junto com o cão Bashar sob as

Síria

ordens ianque, foi o fator chave para que as massas não se consigam a independência política da burguesia sunita para tomar em suas mãos a condução da guerra civil. Por que iriam virar “socialistas” as massas quando as correntes que se proclamam “socialistas” apoiam Al Assad que as massacra? O atraso na subjetividade das massas sírias e sua heroica revolução é absolutamente responsabilidade da esquerda social-imperialista, que jogou todo seu papel contrarrevolucionário direto na revolução encima da lama e no sangue dos explorados sírios.

A guerra civil, seguindo Clausewitz. E a continuidade da política mas por outros médios. Isso quer dizer que o resultado da guerra civil depende só em uma décima parte da marcha da própria guerra no terreno militar. Nos restantes nove décimos depende da preparação política das massas, em quanto essas rompam sua esperança servis no clérigo e na lealdade aos escravistas da burguesia sunita, em quanto essa investida das massas não seja dissipado a cada passo pelos tiros pelas costas das quadrilhas burguesas, e em quanto uma direção revolucionária possa, a nível internacional, derrotar a sinistra política dos stalinistas e renegados do marxismo, que sustentaram o massacre de Al Assad e Putin como uma verdadeira quintacoluna contra a classe operária mundial.

A burguesia e o imperialismo dirigiram seus golpes usando todos os seus agentes no campo de batalha. O proletariado e os oprimidos não puderam, no curso da guerra civil, libertar-se da liderança burguesa. Foi o pão, a fome, a terra o programa que uniu os explorados nas cidades cercadas pelas tropas de al-Assad com as massas na retaguarda, em Damasco ... e também em Moscou, onde milhões afirmam coletar hoje seus salários em atraso há quase um ano e recuperam a aposentadoria. A luta da revolução síria, atacando os capitalistas, os empresários, vinculou a classe trabalhadora síria a milhões de trabalhadores que enfrentaram e continuam enfrentando os piores ataques da burguesia no Magrebe e no Oriente Médio, na Rússia e em toda a Europa imperialista.

Expropriando empresários que se beneficiaram da fome das massas na guerra civil, as massas poderiam conseguir os fundos para comprar e obter armas. Essa seria a maneira de multiplicar suas forças militares, revoltar as pessoas nos campos de refugiados e armar e organizar os milhares de jovens que hoje se recusam a se juntar ao exército de al-Assad para atacar Idlib.

A última chama da revolução não se apagou. Não seremos os trotskistas que lutam pela revolução que fugirão do campo de batalha neste momento trágico da guerra civil.

E a última centelha da revolução ainda está acesa, porque os trabalhadores metalúrgicos, açucareiros e estudantes governados pelo regime contra-revolucionário do aiatolá no Irã ainda estão de pé. Um regime anti-trabalhista e uma feroz ditadura do capital, que lança toda a crise imposta pelo bloqueio imperialista dos EUA às pessoas pobres; o fato é que o regime concordou mil vezes com a entrega da riqueza da nação iraniana ao imperialismo dos EUA, como também aconteceu com as potências imperialistas da Europa - Alemanha e França em particular.

Os incêndios na Argélia e no Sudão não desapareceram. Lá, os processos revolucionários ainda não se desenvolveram completamente. A ascensão das massas está em andamento. A classe trabalhadora europeia e mundial não desistiu. Suas vidas estão em risco, pois é decisivo para eles que os imperialistas e seus agentes fascistas não derrotem as últimas trincheiras da revolução síria. No meio da guerra comercial, o marasmo e o crac capitalista, o imperialismo e a burguesia baixaram toda a crise sobre as massas. Na Síria, na Ucrânia e com a rendição da classe trabalhadora e camponesa pelo stalinismo, o imperialismo concentrou forças e causou severas derrotas parciais à classe trabalhadora mundial. Isso lhe permitiu lançar uma feroz contra-ofensiva de colonização e recolonização do mundo semicolonial e também permitiu que ele jogasse sobre os ombros da classe trabalhadora dos países centrais e internacionalmente toda a crise em que está imersa desde 2008.

A crise mundial do sistema capitalista pestilento não dá paz. Mais de 200 milhões de imigrantes viajam pelo planeta, da África e da América Latina para a Europa e os EUA, procurando pão e uma vida decente. O tratamento que recebem não é diferente do suportado pelas massas sírias que são levadas para campos de refugiados em condições de miséria e ignomínia sem precedentes.

É por isso que é decisivo acabar com esse flagelo contra-revolucionário na Síria, já que hoje ou amanhã pode estar em seu país, sua cidade, seu bairro, sua casa.

Devemos reagrupar a resistência em torno de um programa revolucionário

Hoje, o imperialismo está usando a Síria como uma lição para os trabalhadores do mundo, para mostrar a eles o que lhes acontecerá se lutarem contra planos de ajuste, aumento dos preços dos alimentos, flexibilidade do trabalho, etc. Após a derrota da Síria, o imperialismo respira fundo em sua ofensiva contra as massas e os povos oprimidos do mundo. Mas nada ainda está definido em todo o mundo. Novos combates se iniciam em diferentes setores da classe trabalhadora do planeta, como em Hong Kong. Neles existem os aliados das massas sírias, como em todos os explorados que se recusam a deixar as ruas no Oriente Médio! No nível internacional, um comitê de coordenação de solidariedade eficaz com a revolução síria deve ser estabelecido antes que seja tarde demais. Que as organizações de trabalhadores ganhem as ruas em apoio às massas sírias em Idlib contra o massacre de al-Assad! Temos que ir a todas as embaixadas do cachorro Bashar e do açougueiro Putin!

A luta contra al-Assad é inseparável da luta pela destruição do estado sionista-fascista de Israel. A resistência síria tem um grande aliado nos trabalhadores iranianos que combatem os clérigos assassinos de Teerã. Argélia e Sudão são os novos ventos revolucionários que abalaram o Oriente Médio.

Na Síria, a resistência não cedeu como mostram as últimas marchas no Idlib. É necessário reagrupá-lo, colocar em pé os comitês de coordenação com democracia direta, desarmar os generais burgueses que já concordaram com a rendição e traíram a revolução, abrir os arsenais e disponibilizar as armas aos explorados para lutar contra Bashar . Um programa de expropriação de bancos, oficinas, fábricas, poços de petróleo, principalmente nas áreas liberadas, deve ser proposto para colocar todos os recursos disponíveis para resolver o problema do pão e vencer a guerra.

A demanda por um salário mínimo de US \$ 700 por mês para cobrir as necessidades básicas e móveis de acordo com a inflação, o apelo à recuperação das casas e terras que al-Assad roubou, a luta para desapropriar o banco central de Damasco para colocar em operação, um plano de obras públicas para reconstruir as casas dos explorados, são munições pesadas e mísseis nas mãos da resistência, a fim de reagrupar as fileiras dos explorados, elevar a retaguarda de al-Assad e lançar em combate milhões de refugiados sírios, que agora estão deslocados em tendas ou debaixo das árvores

Os jovens corajosos da heróica resistência síria, a fim de superar a covardia burguesia sunita, precisam ter em mãos um programa para a vitória da revolução operária e camponesa. A cada passo, esses empresários entregam, desarmam e exploram trabalhadores sírios todos os dias em suas empresas e fábricas ... Com um programa de reformas e mudanças sociais, a juventude revolucionária, que está resistindo em Idlib, pode apresentar rapidamente uma dura batalha hoje e prepare amanhã uma resistência tenaz e heróica na retaguarda de al-Assad. Deveria ser um programa para fazer a Síria dos oprimidos, os milhões que estão nos campos de refugiados, que querem recuperar suas casas, suas terras, suas casas, se levantarem.

Nos jovens e trabalhadores que se recusam a ser recrutados para o exército

assadista e se recusam novamente a matar seus irmãos como no início da guerra civil em 2011, e também na solidariedade da classe trabalhadora mundial, que esses jovens de Idlib encontrem o força para se livrar dos laços dos empresários e poder tomar nas mãos a resolução da guerra civil e seu próprio destino.

A revolução síria nasceu do povo faminto, dos trabalhadores, da juventude rebelde. Milhares de mártires deixaram suas vidas por ela. O sangue deles não pode ser negociado, nem em Genebra, nem em Astana, nem nos postos de controle da Turquia, muito menos nos Cenáculos da burguesia sunita que conspiram na retaguarda da resistência à desorganização das massas.

Um novo reagrupamento da resistência síria e os explorados do Magrebe e do Oriente Médio é necessário com um

programa para a vitória da revolução dos trabalhadores e camponeses, tanto na Síria quanto em toda a região, e para acertar contas com o sionismo, resgatando o massas palestinas heróicas de rendição e traição. Antes que a última trincheira da revolução caia completamente, a intifada deve começar! De Daraa a Damasco, de Homs a Jerusalém, de Hebron a Gaza ... A revolução não está morta!

Viva o trabalhador e camponês Sírio, que deixou seu sangue combatendo o imperialismo e todos os seus lacaios!

Para que a classe trabalhadora e os oprimidos vivam, o imperialismo deve morrer.

*Carlos Munzer
Abu Muad*



Daraa: As massas saem às ruas na retaguarda de Al-Assad

Em 27 de agosto, em Daraa, ocupada por al-Assad, as massas foram às ruas. Milhares marcharam pelo centro, desafiando a bota fascista de al-Assad e assumindo o risco de uma repressão brutal que pode ter sido desencadeada por munição, bombas, perseguição e prisão reais, o que significa uma sentença de tortura e morte. Foi uma demonstração enorme, mas não foi a primeira na cidade sob essa situação. Já houve uma enorme manifestação em março passado.

A situação de fome e miséria não pode mais suportar. A bota fascista de Al-Assad não pode mais suportar. As pessoas querem a queda do regime. As pessoas querem pão e liberdade. Ninguém quer o exército de al-Assad e quer evitar o recrutamento obrigatório, subornando oficiais, fugindo, desertando, ferindo a si próprio, etc. É por isso que há manifestações em Daraa com bandeiras da revolução síria, reivindicando a queda de o regime e apoiando Idlib, sob o nariz do fascista al-Assad.

Fora com Al-Assad! Fora todas as tropas invasoras da Síria! Expropriação de todos os bancos de onde eles roubam a riqueza do povo sírio!

A CLASSE OPERÁRIA DO ORIENTE MÉDIO NÃO SE RENDE!

Resiste na Síria e na Palestina, se levanta no Sudão e na Argélia, e agora ganham as ruas do Egito e do Iraque em ações revolucionárias



As massas exploradas do Iraque ganham as ruas



Na resistência síria se levanta uma só bandeira, para uma só Intifada



No Egito as massas levantam a bandeira da revolução síria

Seu grito continua sendo:

***Pão e Liberdade!! O povo quer a queda do regime!
Uma só intifada! Um mesmo inimigo!***

Síria

Os generais burgueses da HTS e FSA, empresários, parceiros comerciais e financeiros da Turquia ... e Al-Assad

Em Idlib, Hayat Tahrir al Sham (HTS), ex-Al Nusra, já entrou no Acordo de Astana. Seus generais assinaram um pacto com a Turquia para firmar acordos comerciais em troca da venda de Idlib e dissolver sua própria organização e aqueles que não estão sob controle turco, enquanto esses generais faziam parte das brigadas da FSA que estavam diretamente sob o comando de Erdogan (agora chamada “Frente de Libertação Nacional”, também conhecida como “Exército Nacional”). Existem setores da resistência que denunciaram que o maior líder do HTS, Mohammed al-Jolani, viajou para a Turquia para fechar o acordo e conseguiu dinheiro para criar uma nova casta de oficiais da burguesia Sunnite para se juntar ao comando de Erdogan.

É por isso que eles tentam impor seu controle, desarmando a resistência, perseguindo qualquer elemento de oposição e aprisionando-os.

Os generais da HTS e da FSA são burgueses e, durante esta guerra, fizeram negócios fabulosos com os generais Assadistas. A partir de seus postos de controle, eles negociam um bom comércio (principalmente para a Turquia) e cobram impostos. Eles usam a mesma moeda: lira síria. Enriqueceram às custas do sangue de centenas de mártires, da super exploração brutal de trabalhadores em fábricas e oficinas em áreas livres e de condições de fome e miséria das massas. Agora eles querem resolver seus negócios com a administração do Idlib ou áreas ao seu redor. Para alcançá-lo, eles devem estar sob o comando direto turco e acabar desempenhando seu papel no Idlib.

É por isso que, enquanto al-Assad e Putin atacam, o HTS se recusa a colocar todas as suas forças para derrotá-los, eles escondem armas, controlam quem pode e não pode ir para as frentes, aprisionam a ala esquerda da resistência ou a deixam à mercê dos bombardeios de Putin .